

Do que você foge?

Milene Mizuta

Fonte: www.liderdesi.com.br



Vou começar esse texto com a estória de duas meninas...

O nome de uma delas é Maria, o nome da outra é Madalena.

Maria cresceu em um lar violento e pobre, foi privada de muitas coisas, não frequentou as melhores escolas e desde pequena teve que aprender se virar. Seus pais, muito envolvidos com os problemas financeiros e também sociais como alcoolismo, nunca perguntaram o que ela precisava. Maria nunca era ouvida. Um dia seus pais se separaram e Maria teve que trabalhar muito mais do que trabalhava; agora para sobreviver e ajudar sua mãe a cuidar dos irmãos. Maria nunca esqueceu do dia em que sua mãe saiu de casa para trabalhar e voltou só depois de dois dias. Passou tardes na

varanda esperando o momento em que a mãe voltaria. Quando voltou, a mãe não disse nada a Maria, entrou pela porta e foi para o quarto. Maria sempre foi sozinha...

Madalena cresceu em um lar cheio de amor e alegria, tinha somente um irmão, seus pais eram amorosos e sempre proporcionaram tudo que Madalena precisava. Acompanharam-na em seu primeiro dia de aula. Fez aula de ballet, inglês, viajou para a Disney. Os pais nunca se separaram – nem entre eles, nem dos filhos. Adulta Madalena compartilhava suas decisões com seus pais. Madalena sempre ouviu que era linda e incrível, inteligente e especial. Mas uma cena que Madalena não consegue esquecer foi quando uma vez pulava corda com suas amigas e de repente, caiu. Só que ninguém foi levantar Madalena. Ela ficou no chão chorando e chamando seus pais, suas amigas riam e a chamaram de medrosa e “filhinha do papai”. Madalena não conseguiu se levantar sozinha...

Maria e Madalena cresceram.

Maria trabalhava muito e em qualquer coisa, tinha como sempre, que trabalhar para sobreviver. Aguentava bem firme todos os tipos de abuso emocional a que era exposta no trabalho. Não podia perde-lo, pois afinal não tinha com quem contar. Tinha um marido, muito bravo e que muitas vezes dizia coisas que a magoavam profundamente, mas Maria sempre soube que qualquer discussão acaba em violência, por isso era melhor se calar. Maria tinha amigos e fazia muito por eles, e quanto mais fazia, mais eles pediam, e Maria atendia a todos. Maria gostava que as coisas fossem resolvidas na hora, se por algum motivo sentia que não se comprometeriam com ela, logo preferia acabar com tudo aquilo, afinal dar mais do que se pode, aguentar em silêncio a violência, se submeter a qualquer coisa, e não contar com ninguém era melhor do que ficar abandonada, sozinha...qualquer coisa é melhor do que voltar “para a cadeira da varanda” onde Maria sozinha esperou sua mãe.

Madalena, estudou muito, era uma menina incrível, muito inteligente, e sempre com os pais ao seu lado, Madalena nunca precisou se preocupar com nada. Viajou, conheceu muitos lugares e pessoas, Madalena, casou-se com uma pessoa muito bem sucedida, seu marido tinha uma profissão, era reconhecido, tinha sucesso e status profissional, e, Madalena, não conseguia decidir o que fazer da vida, por um lado não precisava adiantar a decisão, afinal não precisava de nada, mas por outro o tempo passava. Madalena acreditava que tinha que ser perfeita, que tinha sido criada para algo incrível, e que jamais por momento nenhum, poderia errar. O tempo passava e Madalena, não sabia o que fazer, para cada projeto Madalena fazia uma dúzia de cursos, estudava uma imensidão de livros, mas, no momento de começar, tinha medo de que algo fosse dar errado. Nas reuniões de amigos, seu marido, um homem muito interessante, tinha sempre algo a contar, e Madalena preparava toda a recepção muito bem, ouvia cada história de cada um com muito interesse, mas quando tinha que contar algo, Madalena se retirava e ia passear no jardim, cuidar das crianças dos amigos, Madalena cuidava da vida do marido maravilhosamente bem, sabia cada uma de suas necessidades, era uma primeira dama da melhor qualidade, cuidava da casa, passeava com os cachorros, cuidava da louça, comandava as empregadas. Com o tempo Madalena não sabia mais no que realmente era boa, e tudo que ela fazia era agradecer a Deus todos os dias pelo marido que tinha, afinal, era melhor não ter identidade e se submeter a qualquer capricho do marido, era melhor não ter nada para contar, era melhor não fazer, que errar e voltar para a “tombo da corda com as amigas” da infância e não conseguir se levantar.

Já ouviram essas estórias? Já ouviram essas estórias em formato de histórias?

Posso mudar o nome dos personagens para José e João, posso mudar o choro pela valentia exigida desde cedo, posso mudar a abusada pelo abusador, posso mudar muitas coisa, mas a dor essa continua a mesma...

E assim muitas vezes fugindo das cadeiras que esperamos e das cordas que tropeçamos vivemos nossas vidas e encontramos nossas áreas de conforto, ou de desconforto.

Temos tanto medo de passarmos por uma dor novamente que suportamos dores infinitamente maiores.

Preferimos a solidão que a possibilidade do abandono;

Preferimos a violência do que a possibilidade de sermos agredidos;

Preferimos humilhações do que a possibilidade de sermos abandonados;

Preferimos não realizar ao medo de errarmos e não sermos reconhecidos;

Preferimos o silêncio ao medo de não sermos ouvido.

Preferimos nos deixar agredir à possibilidade de não sermos aceitos.

Preferimos doar tudo que podemos e vivermos na aridez do que a possibilidade não sermos vistos.

Aceitamos pouco pelo medo de que até mesmo esse pouco nos falte.

Preferimos um lugar de conforto doloroso à possibilidade de olhar para uma dor que ainda não curamos.

Ainda preferimos ser algoz de si e do outro do que a vítima, dessa cena, que nunca mais vai voltar.

E é isso, essa cena, nunca mais vai voltar, mas a dor dessa cena, esta presente, viva do momento que acordamos até a reflexão antes de dormir.

Voltando a Maria e Madalena um dia uma fada madrinha chegou para elas e contou-lhes um segredo:

- Maria e Madalena, isso nunca mais vai acontecer com vocês. Nunca mais vocês serão crianças novamente e estarão desamparadas, com medo, sozinhas e sem saber o que fazer. A vida não anda para trás, e agora vocês são adultas e tem a vocês mesmo. Não fujam de algo que nunca mais vai acontecer.

Naquele dia Maria, voltou no tempo e foi até a varanda onde estava aquela menina e pegou em sua mão, olhou em seus olhos e disse de forma bem firme: “Maria, nada mais você tem a temer, eu estou aqui e nunca mais deixarei você.”

Madalena, voltou no tempo e foi até a brincadeira de corda e viu aquela menina no chão, sentou-se ao lado dela e disse: “Madalena, levanta-te, eu estou do teu lado, tens a mim, pode me chamar, eu vou te amar independente de quantos tombos você cair.”

Você já se perguntou o que suporta para fugir das “cadeiras na varanda e dos tombos da infância”?

Quando vai se dar a mão e dizer para si mesmo: “Não precisa mais fugir isso nunca mais vai acontecer.”

Entender que o ser humano com cada dor evolui e aprende, e se fortalece, e se torna mais dono de si, é a chave para acreditar que a vida anda pra frente, e que por mais que você não se sinta capaz, todas as suas dores e tristezas foram as grandes companheiras para lhe proporcionar que hoje você saia da sua área de conforto dolorosa; Coragem, de a mão para você sair desse sofá com espinhos.

A vida se desenvolve com uma espiral e não como uma escada, voltamos no mesmo ponto, mas estamos sempre em uma “oitava acima”, aprendemos com a situação passada, crescemos, nos fortalecemos, criamos novos vínculos, ampliamos com a vida a consciência de quem somos, nos conhecemos melhor, conhecemos melhor o outro, encontramos novas pessoas, recebemos novas ajudas.

Muitas vezes a ajuda já chegou, muitas vezes alguém já chegou para te levantar do tombo, e lhe fez companhia nos momentos de solidão, mas a sua criança insiste em te fazer acreditar que você continua só, que ainda não pode lidar sozinho com aquela situação.

Pare de buscar a solução no outro que vem ao seu encontro, mude, busque um novo você para ir ao encontro do outro, coloque-se em prova.

Aceite que a vida muda, porque ela muda, e isso você não pode evitar.

Para terminar, outro dia tive notícias de Maria que comprou uma casa com varanda e cadeira para tomar vinho e de Madalena que foi fazer aula de tecido acrobático no circo.

PS.: Maria e Madalena não existem, pelo menos não as conheço de carne e osso...